

The background of the entire cover is a colorful stained glass design. It features a central panel depicting a woman with a halo, her hands clasped in prayer, surrounded by flowers. This central panel is flanked by vertical panels with abstract geometric patterns. The top and bottom sections also contain abstract stained glass patterns. The colors used include blues, yellows, reds, greens, and purples, separated by dark lead lines.

Angelo Alberto Diniz Ricordi

Buscadores
do **DEUS** vivo
nas origens da espiritualidade marista


PUCPRESS

Buscadores
do DEUS_{VIVO}
nas origens da espiritualidade marista

“Nós, irmãos, vivemos em busca do Deus vivo.”
(Constituições, n. 45)

Angelo Alberto Diniz Ricordi

Buscadores do DEUS VIVO nas origens da espiritualidade marista



2025

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Província Marista Brasil Centro-Sul (PMBCS)

Superior Provincial

Ir. Vanderlei Siqueira

Conselho Provincial

Ir. Adilson Janovski

Ir. Anacleto Peruzzo

Ir. Délcio Afonso Balestrin

Ir. Miguel Fernandes Ribeiro

Ir. Rogério Renato Mateucci

Ir. Valdir Gurgel

Diretor Executivo

José Leão da Cunha Filho

Diretor de Identidade, Missão e Vocação

Ir. Miguel Fernandes Ribeiro

Gerente do Memorial Marista

Adriano Cecatto

Colaboradores

Revisão técnica

João Luis Fedel Gonçalves

Cátedra Ir. Francisco Rivat de Estudos Maristas

Fabiano Incerti

João Luis Fedel Gonçalves

Angelo Alberto Diniz Ricordi

Douglas Borges Candido

Juliana Vermelho Martins

Ir. André Lanfrey

Dyogenes Philippsen Araujo

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Ir. Rogério Renato Mateucci

Vice-Reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

PUCPRESS

Gerência da Editora

Michele Marcos de Oliveira

Edição

Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte

Cristina Mosol

Preparação de texto

Gabrielle Regina Gomes Caroccia

Revisão

Gabrielle Regina Gomes Caroccia

Capa e Projeto gráfico

Rafael da Matta Hasselmann

Diagramação

Cristina Mosol

PUCPRESS/Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar.

Curitiba / PR - CEP 80215-901 | Tel. +55 (41) 3271-1701 | pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

R541b 2025	Ricordi, Angelo Alberto Diniz
	Buscadores do Deus vivo nas origens da espiritualidade marista / Angelo Alberto Diniz. – Curitiba : il. ; 21 cm 200 p. : il. ; 21 cm
	Bibliografia: p. 192-195 ISBN: 978-65-5385-178-8 ISBN: 978-65-5385-179-5 (PDF) ISBN: 978-65-5385-180-1 (ebook)
	1. Irmãos Maristas. 2. Espiritualidade. I. Título.
25-215	CDD 20. ed. – 271.79

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
APRECIACÃO	13
INTRODUÇÃO	17
1. ORIGENS DA ESPIRITUALIDADE MARISTA	19
A espiritualidade como seguimento de Cristo	21
Por que estudar origens? A importância das fontes na construção de nossa espiritualidade	25
Fontes primárias do fundador	27
Fontes que provêm dos Irmãos	32
Alguns textos de nossa tradição	39
A presença de Deus	42
Tudo a Jesus por Maria	45
<i>Nisi Dominus</i>	48
O espírito do Instituto: a origem das “violetas maristas”	58
Conclusão: a inspiração das origens	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
2. A ESPIRITUALIDADE NOS MANUSCRITOS DO PADRE CHAMPAGNAT	65
Introdução	65
Contexto teológico e eclesial dos manuscritos do padre Champagnat	68
Jansenismo	69
Galicismo	70
Posicionamento de Champagnat frente a esses movimentos	71

O estilo literário do fundador: limites e acertos.....	73
Textos selecionados	76
Resolução de 1820 (AFM 131.5).....	77
Instrução sobre o Rosário (AFM 134.33).....	82
Reflexão sobre o fim do homem (AFM 134.12).....	86
Festa do Santíssimo Sacramento (AFM 134.31).....	92
Instrução sobre a recompensa celeste (AFM 134.11).....	95
Instrução sobre a oração (AFM 132; OFM, doc. 87).....	97
Carta de demissão ao padre Colin (AFM 136; OFM, doc. 672)	102
Concluindo... um sonho: uma escola de espiritualidade marista.	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111
3. A CRISE DE 1826: UM MARCO NA ESPIRITUALIDADE DO PADRE CHAMPAGNAT	113
Crise da saúde.....	116
Crise financeira	118
Crise de liderança.....	121
Crise da perda de prestígio.....	123
Crise do isolamento.....	125
Crise da deserção	127
Considerações finais	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	132
4. ROSTO MARIANO DA IGREJA: UMA PROPOSTA PARA A VIVÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE MARIANA	133
Igreja nascente	135
A Igreja mariana e o XXI Capítulo Geral	139
A evolução de Igreja mariana para a expressão “rosto mariano da igreja”	142
Em que consiste o princípio mariano da Igreja?	142
O rosto mariano na circular <i>Deu-nos o nome de Maria</i>	145
Chamados a construir o rosto mariano da Igreja	145

Rosto mariano: sonho de uma igreja renovada.....	146
Três ícones fundamentais que revelam a intencionalidade do conceito	147
Uma aurora que já começa despontar	148
Magistério da Igreja e perfil mariano da Igreja	148
Papa João Paulo II.	150
Papa Bento XVI	151
Papa Francisco.....	152
Rosto mariano da Igreja e a renovação do Instituto Marista .	153
Considerações finais	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	156
Igreja Mariana.....	156
<i>Nouvelle Église.</i>	157
Perfil/rosto mariano da Igreja	157
Magistério da Igreja	160
Obras complementares	161
5. ESPIRITUALIDADE DO CORAÇÃO	
E AS ORIGENS MARISTAS	163
A origem do termo no XXII Capítulo Geral.....	164
A metáfora do coração na espiritualidade	
da França nos séculos XVII a XIX	168
O símbolo do coração na tradição marista.....	170
O XXII Capítulo Geral e a espiritualidade do coração	175
A segunda chamada do Capítulo:	
“Ser as mãos e o rosto de tua terna misericórdia”	177
Buscadores do Deus vivo: experiências que	
ajudam a vivenciar a espiritualidade do coração	183
Considerações abertas, mais que conclusivas.....	190
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	191
HORIZONTES E DESAFIOS DA	
ESPIRITUALIDADE MARISTA	195

PREFÁCIO

A experiência precede a sistematização quando se trata da vida espiritual. E nem sempre as pessoas que provam de alguma presença inefável são hábeis na escrita ou possuem os meios para realizar seu registro. Com o fundador do Instituto dos Irmãos Maristas não foi diferente. Como afirmou o Irmão Paul Sester, agudo estudioso das origens maristas, a preocupação de São Marcelino Champagnat

[...] não é expor à posteridade o modo de conceber a sua obra, nem a sua própria teoria da vida religiosa, à parte os repetidos esforços para compor a Regra. Ele se contenta em viver com seus irmãos, enquanto os ensina. Cabe aos discípulos fazer anotações se quiserem conservar na memória suas instruções. (Sester, 2011, v. 1, p. 1).

Este livro vem, de alguma maneira, preencher essa lacuna. Seu autor, Angelo Alberto Diniz Ricordi, debruça-se há vários anos sobre as fontes do fundador – mais escassas – e dos primeiros Irmãos, para estabelecer o núcleo mais original da espiritualidade marista. Em sua tese doutoral, *Uma leitura certauniana sobre as origens da*

espiritualidade marista, analisou o conjunto desses manuscritos e os confrontou com a bibliografia já produzida sobre o assunto. Em parceria com o grupo de pesquisadores da Cátedra Irmão Francisco Rivat da PUCPR, elaborou um trabalho rico, que gerou outros frutos, como diversas formações – várias delas vivenciais, para públicos distintos, como gestores, Irmãos, formandos, leigos e leigas maristas.

Buscadores do Deus vivo: nas origens da espiritualidade marista permite que acessemos estas duas facetas da trajetória do autor: o rigor acadêmico e a leitura voltada para a vida. De fato, como ele observa na Introdução, os capítulos reúnem diversas formações, sistematizando-as de modo a facilitar sua leitura e, até mesmo, sua utilização por animadores da espiritualidade marista. Fica evidente, portanto, o cunho pastoral da obra, sem que ela deixe, em nenhum momento, de se apoiar no estudo das fontes originais.

Os cinco capítulos estão organizados em temas que se conectam, mas que, ao mesmo tempo, preservam certa independência. O primeiro – “Origens da espiritualidade marista” – parte do núcleo fundante de toda espiritualidade, o seguimento de Jesus Cristo, para acessar, com essa chave de leitura, os manuscritos do fundador e os que provêm dos Irmãos, além de analisar expressões fundamentais da tradição marista: “presença de Deus”, “Tudo a Jesus por Maria”, “*Nisi Dominus*” e “O Espírito do Instituto: a origem das três violetas maristas”.

O segundo capítulo – “A espiritualidade nos manuscritos do padre Champagnat” – retoma os apontamentos do fundador, agora de maneira mais sistemática, levando em consideração seu contexto teológico e eclesial, e analisando cada um dos manuscritos em suas peculiaridades e em sua importância para o estudo da espiritualidade marista.

Como um recorte específico, o terceiro capítulo – “A crise de 1826: um marco na espiritualidade do padre Champagnat” – discute um dos momentos significativos da experiência do fundador do Instituto dos Irmãos Maristas, que o autor chama de “verdadeira fundição”, capaz de configurar um novo momento na vida espiritual de São Marcelino Champagnat. Esse capítulo está bem no centro da obra, e não exageramos ao sugerir que, do ponto de vista experiencial, é também o mais impactante para uma perspectiva mais mística da vida e obra de Champagnat.

Maria marca profundamente a identidade da espiritualidade de Champagnat e dos Irmãos. O quarto capítulo retoma essa presença por meio da reflexão pós-conciliar: “Rosto mariano da Igreja: uma proposta para a vivência da espiritualidade mariana”. O diálogo do autor, nessa parte, é, sobretudo, com os escritos dos quatro últimos papas – Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco, além do Irmão Emili Turú, superior-geral (2009-2017), que usa a expressão pela primeira vez no Instituto. Tal ampliação de olhares nos mostra como a prática de nossa espiritualidade e sua reflexão são constantemente atualizadas na vida e na missão maristas.

Fecha a obra o capítulo dedicado à reflexão mais recente sobre a espiritualidade marista: “Espiritualidade do coração e as origens maristas”. Essa característica é desenvolvida pelo autor com base em sua inspiração na espiritualidade francesa dos séculos XVII a XIX e em seu uso no XXII Capítulo Geral, de 2017, até hoje. Como lembra Ricordi, a metáfora do coração, no Instituto, provoca-nos a entender e viver a espiritualidade “como busca, caminho e travessia”.

Na abertura dos capítulos, um QR Code sinaliza o acesso ao conteúdo em formato de apresentação em PowerPoint; ao final, uma bibliografia selecionada permite que o conteúdo seja expandido e

aprofundado. Esses recursos ampliam a utilização do livro, sobretudo por pessoas que atuam na formação em espiritualidade marista.

O conhecimento mais aprofundado das fontes maristas tem revelado uma grande riqueza conceitual, que transborda de elementos simples e intuitivos, presentes na experiência cotidiana e que conferem consistência à vivência do carisma de Champagnat, permitindo novas leituras para os contextos atuais da missão marista. *Buscadores do Deus vivo: nas origens da espiritualidade marista* é uma obra que convida você, caro leitor e cara leitora, a entrar nessa dinâmica de reflexão, vivência e integração de saberes, por meio do rico patrimônio da espiritualidade marista. Boa leitura!

**Cátedra Irmão Francisco Rivat
de Estudos Maristas da PUCPR**

APRECIAÇÃO

Transmitida pela tradição dos primeiros discípulos de Marcelino Champagnat, nós, maristas, temos as três violetas como figura representativa das virtudes da humildade, simplicidade e modéstia. Tais atitudes vivenciais, centradas especialmente na humildade, refletem-se bem na violeta – flor de jardim –, por ser pequena e ficar oculta sob as folhas; por se fazer notar não tanto pelo tamanho ou pelo brilho das cores, mas pelo suave perfume que exala.

Agrada-me considerar a imagem das “três violetas com perfume suave” como símbolo da “espiritualidade dos maristas de Champagnat”.

Entretanto, para caracterizá-la, é preciso saber identificar seu perfume típico – composto de diversos aromas que se exalam dessas violetas. Trata-se de uma tarefa sutil, pois, assim como a violeta, também a nossa espiritualidade não é vistosa nem aparente. Ela é aromática; manifesta-se, em parte, por seu perfume próprio.

Vejo este bonito e aprofundado trabalho de Ângelo Ricordi – ***Buscadores do Deus vivo: nas origens da espiritualidade marista*** – como uma busca criteriosa e bem fundamentada dos diversos aromas que compõem o nosso perfume próprio.

Reconheço, neste trabalho, a seriedade de um bom pesquisador, que se dedica a identificar os componentes da nossa espiritualidade, respingando informações contidas nos textos do Fundador e dos primeiros Irmãos; garimpando preciosidades da nossa tradição e do magistério; e ressaltando traços evidentes da vida espiritual

de Champagnat, sobretudo nos momentos em que o Fundador enfrentou crises e apreensão.

Igualmente, vejo neste trabalho muito profissionalismo ao trazer recortes identificados em campos como sociologia, política, educação, filosofia e teologia, no contexto da época do Fundador e dos primeiros Irmãos. O autor aponta afirmações, particularidades e comportamentos que denotam a vivência de um estilo de vida que, aos poucos, vai se consolidando como a espiritualidade do “ramo dos irmãos” – isto é, do “ramo leigo”, do qual Champagnat ficou encarregado pelos colegas do Seminário Maior de Lyon, quando elaboravam projetos sobre a Sociedade de Maria e lhe disseram: “Ocupe-se você dos irmãos já que insiste tanto nesta ideia!”

Um ramo masculino não sacerdotal dentro da Sociedade de Maria – esse foi o projeto e a realização de Champagnat. Ele desejava pessoas leigas como seus seguidores (leigo, segundo a conotação e distinção estabelecidas pelo Direito Canônico).

Para este grupo de pessoas – Irmãos de vida consagrada, leigas e leigos maristas, afiliadas e afiliados, fraternas e fraternos e todos quantos perambulam pela “praça da vida marista” –, a espiritualidade iniciada pelo Fundador, vivida e complementada por seus primeiros seguidores, serve de inspiração para a vida cristã, serve de modelo de seguimento de Jesus Cristo na construção do Reino, serve de apelo para trabalhar na “obra de Maria”.

Assim, nesta publicação elaborada com empenho e dedicação, encontraremos a indicação de componentes que formam a nossa espiritualidade – isto é, alguns aromas do nosso perfume marista: a centralidade em Jesus Cristo; o exercício da presença de Deus; o compromisso com a “obra de Maria”; a oração do coração; a vivência do *Nisi Dominus*; e a prática da humildade, simplicidade e modéstia...

Já aconteceu, em ocasiões inesperadas, de uma pessoa – sem nenhuma sinalização externa que a identificasse como marista – se aproximar de um interlocutor desconhecido para iniciar uma conversa e ser, de repente, interrompida com a indagação: “Por acaso, você é marista?” Tal interlocutor, certamente também com alguma formação marista, “pressentiu” o nosso perfume próprio na outra pessoa.

Que a leitura deste documento nos ajude a compreender e amar tudo aquilo que nos identifica como *Maristas de Champagnat* – sobretudo nossa espiritualidade própria, fortemente inspirada no exemplo de Maria, boa mãe e discípula de Jesus.

Curitiba, novembro de 2024.

Irmão Ivo Antonio Strobino

INTRODUÇÃO

Caro leitor e cara leitora,

Este livro é o resultado de uma síntese pessoal do estudo das origens maristas como fonte de inspiração para a espiritualidade que somos chamados a viver e testemunhar na missão marista. Síntese, porque nasceu de uma pesquisa realizada em nível acadêmico, como conclusão de doutorado em Teologia. Nesse período de pesquisa, pude contar com o acompanhamento de Irmãos especialistas no estudo do padre Champagnat, em especial os Irmãos Ivo Antônio Strobino e André Lanfrey.

Ainda que esta pesquisa esteja embasada no rigor teórico e em uma maior aproximação com as fontes históricas da tradição marista, não deixa de ter um aspecto existencial e apaixonado de busca, sentido e orientação pessoal para minha própria vida. Estou convencido de que a inspiração que moveu São Marcelino e os primeiros Irmãos ainda continua válida para nosso tempo.

O objetivo desta obra é fornecer subsídios para a formação de Irmãos e de leigos e leigas que desejam revisitar as fontes que deram origem à espiritualidade marista. Cada capítulo é fruto de pesquisas e de assessorias realizadas nos diversos cursos e programas a serviço do Instituto Marista, da Região América Sul e da Província Marista Brasil Centro-Sul. Por isso, embora estejam organizados em uma lógica crescente dentro desta publicação, podem ser utilizados e trabalhados de maneira independente.

Na abertura de cada capítulo, há um QR Code que dá acesso a uma apresentação em PowerPoint com as principais ideias utilizadas

na argumentação do tema. Dessa forma, além do texto, oferecemos uma proposta de formação customizada sobre cada uma das temáticas apresentadas.

Convido você, caro leitor e cara leitora, a embarcar em uma jornada pela rica herança espiritual do Instituto Marista, remontando às suas origens e explorando o legado deixado por São Marcelino Champagnat e pelos primeiros Irmãos. Iluminados pela simplicidade, humildade e pela presença viva de Deus nas ações cotidianas, somos chamados a redescobrir a centralidade de Jesus Cristo e a nos tornarmos buscadores do Deus vivo.



1

ORIGENS DA ESPIRITUALIDADE MARISTA

Em 2025, celebramos os 200 anos da casa de l’Hermitage. Esse espaço é um marco na organização da Congregação e na espiritualidade de Champagnat e dos primeiros Irmãos Maristas. Por isso, ao iniciarmos a reflexão sobre as origens da espiritualidade marista, nossa atenção se volta fortemente para esse ícone. Se La Valla foi o berço do Instituto, l’Hermitage é o lugar em que nossa espiritualidade foi construída e consolidada. L’Hermitage é a “casa de Maria”, onde nosso fundador viveu a grande experiência do *Nisi Dominus* e, logo após sua morte, foi considerada o “relicário” do fundador por seu sucessor, o Irmão Francisco. Trata-se, portanto, de um ícone poderoso da vida e da missão maristas.

Inspirados por l’Hermitage, apresentamos neste capítulo uma primeira aproximação ao tema da espiritualidade marista. Não pretendemos abordar em profundidade a complexa construção desse tema em suas origens; contentamo-nos em propor uma introdução que conduza o leitor a perceber alguns marcos centrais da espiritualidade do padre Champagnat e dos primeiros Irmãos.



Figura 1 – Casa-mãe do Instituto Marista, l'Hermitage, França.
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

Organizamos o capítulo em três ideias centrais:

1. A espiritualidade como seguimento de Cristo
2. Por que estudar as origens? A importância das fontes na construção de nossa espiritualidade
3. Alguns textos de nossa tradição

Essas ideias não pretendem resumir nem apresentar uma síntese da espiritualidade marista. O objetivo é instigar, de maneira didática, o leitor e a leitora diante da complexidade da formação da espiritualidade marista e, consequentemente, de seu estudo. Começaremos pelo centro da espiritualidade cristã: o seguimento de Jesus.

A espiritualidade como seguimento de Cristo

A espiritualidade cristã nasce do encontro com a pessoa de Jesus Cristo. Esse acontecimento é o que assegura sua credibilidade. Essa espiritualidade passa pelo crivo do mistério da Encarnação, por isso se pode falar em uma espiritualidade encarnada, concreta, que tem os olhos e o coração abertos para Deus e para o ser humano. Há uma reflexão do Papa Bento XVI, posteriormente retomada diversas vezes pelo Papa Francisco, que sintetiza a ideia central que desenvolveremos ao refletir sobre a espiritualidade marista: “No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo” (Bento XVI, 2006, p. 3).

É na esteira dessa afirmação que se pode situar a experiência vivida por Marcelino Champagnat e pelos primeiros Irmãos. Marcelino foi um homem de coração simples, que soube se abrir ao mistério de Deus. Os primeiros Irmãos viram nele – e em sua forma concreta de viver Deus – um sinal visível de algo que ultrapassava o ordinário da vida; viram nele um buscador de Deus. Nos textos e ensinamentos de nosso fundador, a centralidade de Cristo é um aspecto que desperta nossa atenção¹. A primeira definição de nossa espiritualidade marista, no documento *Água da rocha* – texto de referência de nossa tradição –, recorda-nos: “A história da nossa espiritualidade é feita de paixão e compaixão: paixão por Deus e misericórdia pelas pessoas” (Instituto dos Irmãos Maristas, 2008, p. 22).

¹ Sobre esse assunto, quase não existem reflexões na historiografia marista. Destacamos a monografia do Irmão Mariano Verona: *Jesucristo en la Espiritualidad y Escritos de Marcellin J. B. Champagnat*.

A paixão por Deus e a misericórdia pelas pessoas resumem essa primeira definição de espiritualidade marista. A paixão por Deus e por Jesus é o primeiro elemento de transformação pessoal que a experiência espiritual implica, enquanto a misericórdia e a compaixão para com os outros são o critério de sua veracidade. Jesus Cristo é o centro de nossa missão como maristas. Foi assim que o fundador definiu a nossa missão:

Tornar Jesus Cristo conhecido e amado, eis a meta de sua vocação e a finalidade do Instituto. Se não visarmos a essa finalidade, nossa Congregação será inútil e Deus lhe retirará a proteção. (Furet, 1999, p. 312).

Ao nos aproximarmos da definição de nossa missão, dois verbos se destacam: “conhecer” e “amar”. Em nossas origens, esses verbos são precedidos por algumas palavras incomuns na literatura religiosa – informações importantes. Os primeiros maristas usaram expressões fervorosas para descrever a experiência espiritual no início da missão.



Figura 2 – Sentenças da casa de La Valla, França.
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

Essa intuição já se encontra plasmada nas paredes da casa em La Valla, onde a inspiração que guiou o fundador e os primeiros Irmãos pode ser capturada. Na primeira casa do Instituto Marista, Marcelino mandou escrever, nas paredes da sala da comunidade, algumas sentenças que ajudavam os Irmãos a se guiarem na oração e meditação comunitária. Acompanhemos a primeira sentença: “Com o teu fogo celestial, abrasa todo o meu coração”. Três palavras chamam nossa atenção: **“fogo”**, **“abrasar”** e **“coração”**. Mais do que palavras, essas expressões nos remetem a imagens que descrevem o espírito fundador.

A segunda frase tem um tom afetivo, típico da maneira como Champagnat se refere a Jesus e a Maria: “Jesus, todo o meu amor; Jesus, toda a minha felicidade”. Há um ardor que motiva a comunidade a seguir a Cristo. O mais interessante é que, nos relatos escritos dos primeiros Irmãos a pedido dos superiores para preservar a memória e os ensinamentos do fundador, mesmo depois de muitos anos, essa é a imagem gravada na lembrança de alguns deles, entre eles Irmãos Lourenço e Sylvestre.

Começemos pelo Irmão Lourenço. No manuscrito preservado nos Arquivos da Casa Geral do Instituto Marista, em Roma, podemos ler:

[...] quando falava da bondade de Deus e do seu amor por nós, o tom de voz era tão persuasivo que nos transmitia o fogo interior de que estava abrasado, de tal modo que as dificuldades, os trabalhos e todas as misérias não conseguiam nos abalar. (Lourenço, 2021, p. 8).

Trata-se de uma declaração carismática, de algo muito forte na percepção do humilde Irmão Lourenço, que permanece na memória dos ensinamentos de Champagnat: havia um ardor, um zelo muito particular, que impressionou a primeira comunidade de Irmãos.

Essa mesma percepção é compartilhada pelo Irmão Sylvestre:

Recordo-me que na sala onde fazíamos a oração não havia bancos, nem cadeiras, nem genuflexórios. Nós ficávamos ao redor do bondoso padre [...] no inverno, durante a oração, o único aquecimento na sala era um fraco lampião ou candeeiro apagado. Champagnat não sentia frio; dir-se-ia que o coração abrasado lhe aquecia o corpo. (Sylvestre, [1886] 2014, p. 49).

Observe que a metáfora do coração aparece novamente: **um coração ardente**. “Conhecer” e “amar” são dois verbos que andam de mãos dadas no desejo de seguir a Cristo. Para Champagnat, **conhecer e amar Jesus Cristo é ter uma experiência pessoal**. Em uma tela recente do artista Goyo, que retrata Champagnat e Jesus olhando na mesma direção, podemos contemplar essa realidade. A vida de Champagnat é, em suma, o que o Irmão Francisco concluiu na circular *Espírito de fé*: “Já não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

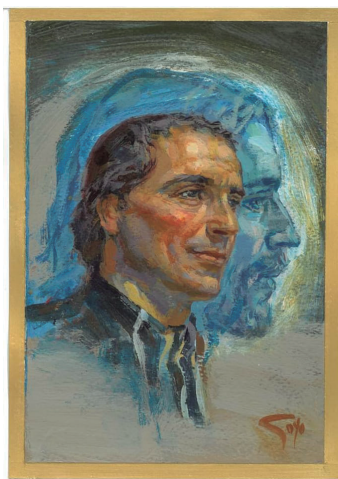


Figura 3 – Quadro de Champagnat e Jesus, de Goyo.
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

No entanto, como nos recorda o Irmão Michael Green, há um modo próprio que guia nosso seguimento de Cristo. Nós, maristas, vivemos essa experiência com uma marca do nosso carisma: **seguimos Jesus do jeito de Maria**. Como os primeiros maristas, acreditamos que com nossa vida e vocação realizamos na Igreja a **obra de Maria**: gerar Cristo ao mundo (Cf. Green, 2021, p. 86).

Essa foi a convicção dos fundadores da Sociedade de Maria: padre Colin, padre Champagnat e madre Chavoin. Eles foram instrumentos e colaboradores na obra de Maria. Ao recuperar em nossas origens a teologia mariana do fundador, restabelecemos a centralidade do seguimento de Cristo, inspirados em Maria. Como ela, trazemos Cristo ao mundo. Esta é a primeira ideia que precisamos recuperar no estudo e na vivência de nossa espiritualidade.

Por que estudar origens? A importância das fontes na construção de nossa espiritualidade

Para responder a essa pergunta, podemos recorrer à imagem da construção da casa de l'Hermitage. Mais do que uma edificação física, ela representa uma expressão concreta da intuição do padre Champagnat, que era bem mais profunda: ele desejava verdadeiramente construir a comunidade, fortalecer a espiritualidade e, consequentemente, animar a missão. Esse espaço tornou-se um canal de transmissão do carisma – marca distintiva do fundador, que, desde o início, envolveu e empoderou os Irmãos nesse processo.

O que chamamos de **espírito de família** é mais do que apenas uma característica de nossa família espiritual. É o modo especial como Champagnat compreendeu o carisma recebido de Deus e como o compartilhou desde o início com a primeira comunidade dos Irmãos Maristas.

Portanto, uma das intuições que defendo em minha pesquisa é que nossa espiritualidade, embora tenha começado no carisma fundacional recebido por Champagnat, teve em sua construção e consolidação, especialmente após sua morte, a participação fundamental dos Irmãos Francisco, Jean-Baptiste e Louis-Marie.

Mais uma vez, nos guiamos pelo documento *Água da rocha*, que dialoga muito bem com as origens e as traduz de maneira simples, mas assertiva, para nossos tempos. O segundo parágrafo desse documento nos diz:

Nossas origens remontam ao cordial relacionamento de um jovem sacerdote com um grupo de rapazes que viveram em uma época de grande instabilidade social. O sacerdote era Marcelino Champagnat, e os rapazes eram Jean-Marie Granjon, Jean-Baptiste Audras, Jean-Claude Audras, Antoine Couturier, Barthélemy Badard, Gabriel Rivat e Jean-Baptiste Furet. Eles constituíram nossa comunidade fundadora em La Valla (Instituto dos Irmãos Maristas, 2008, p. 22).

Observemos dois pontos importantes. Primeiramente, o documento faz alusão a Champagnat e aos primeiros Irmãos. O segundo ponto é a afirmação que conclui o parágrafo: **“Eles constituíram nossa comunidade fundadora em La Valla”**.

O Irmão Michael Green, no terceiro volume da *História do Instituto*, reforça essa percepção de *Água da rocha*:

Algo que nós, maristas, ainda precisamos interiorizar, a mudança da visão do ‘grande homem’ de nossa história, ou seja, com foco apenas em Marcelino, e foco mais deliberado na comunidade fundadora (Green, 2017, p. 214).

Portanto, além do fundador, o legado e os escritos desses primeiros Irmãos são uma fonte inesgotável para redescobrir a paixão original que envolveu o início da missão marista.

Após esses esclarecimentos, é útil conhecer um pouco melhor nossas fontes. Podemos dividi-las em duas partes: a primeira emana diretamente dos manuscritos do fundador; a segunda, dos textos impressos e manuscritos dos primeiros Irmãos.

Fontes primárias do fundador

O Irmão Paul Sester, em *Origines des Frères Maristes*², classificou os manuscritos de Champagnat em seis grandes capítulos: Resoluções; Cadernos; Cartas e circulares; Sermões, discursos e instruções; Registros; e Escritos particulares isolados. Vejamos cada um deles.

Resoluções

Sobre a primeira série de manuscritos de Marcelino Champagnat, classificada nos Arquivos dos Irmãos Maristas em Roma (AFM) com o título de “Resoluções”, escreveu o Irmão Alexandre Balko:

Baseando-nos nas notas ou apontamentos datados e levando em conta alguns pequenos detalhes, podemos elaborar uma série de **“marcos espirituais” que vão desde 1810 a 1828**. Se somarmos a isso os poucos dados históricos seguros relativos à juventude de Marcelino Champagnat, chegaremos a descobrir pegadas suficientes como para segui-lo, com bastante certeza, no caminho de sua evolução espiritual. Falar de evolução significa fazer alusão a uma série de mudanças, lutas e progressos. Esta visão se adapta, particularmente, à existência de Marcelino Champagnat, em quem a graça de Deus pode apresentar uma natureza rica e pujante para colocá-la a serviço da Igreja. (Balko, 1983, p. 86, grifo nosso).

² *Origens dos Irmãos Maristas: Coletânea dos escritos de São Marcelino Champagnat, 1789-1840* é o título da obra organizada pelo Irmão Paul Sester em 2011, fortemente inspirada em *Origines Maristes*, dos padres Jean-Coste e Gaston Lessard. O trabalho realizado por Sester é fruto de mais de 40 anos de pesquisas, catalogação e formações no Patrimônio Espiritual Marista.

As Resoluções, como afirma o Irmão Balko, são, em geral, propósitos feitos por Marcelino Champagnat ao final de um retiro ou em datas especiais, como o aniversário de seu batismo. Por mais simples que pareçam em seu conteúdo, revelam um caminho seguido com seriedade por Marcelino. Mais do que isso, constituem marcos no processo do desenvolvimento de sua espiritualidade pessoal. Ao mesmo tempo, permitem perceber as influências recebidas em sua formação sulpiciana, como o tema do teocentrismo e a abordagem cristológica profundamente marcada pela presença mariana.

Cadernos

No segundo capítulo de *Origines de Frères Maristes*, Paul Sester classifica como “Cadernos de Champagnat” um conjunto de doze cadernos conservados nos Arquivos dos Irmãos Maristas (AFM). Esses cadernos estão fisicamente separados, encadernados sem títulos – com exceção dos livros contábeis. O conteúdo é diverso, e em muitos deles os mesmos temas se repetem, sobretudo no que diz respeito à escrita da Regra. Dois cadernos servem como livros de contas e receitas e um leva o título de despesas (Sester, 2011, v. 1, p. 41).

Entre os nove cadernos que se diferenciam das anotações contábeis, encontramos uma variedade de assuntos e temas misturados com rascunhos de cartas, sem qualquer homogeneidade – exceto o quinto caderno, que contém exclusivamente artigos da Regra. O Irmão Paul Sester levanta uma hipótese muito interessante: acredita que esses cadernos não refletem o pensamento definitivo do autor, mas o pensamento do momento – por vezes, simples anotações com o intuito de não esquecer um assunto a ser trabalhado ou desenvolvido. Ainda que não revelem um enunciado final, expressam um elemento fundamental em Champagnat: os traços marcantes de sua espontaneidade (Sester, 2011, v. 1, p. 42).

Cartas e circulares

Para Edith Stein, a verdadeira vida de uma pessoa está escondida em suas cartas. Em sua percepção, elas colocam diante dos nossos olhos aspectos ou facetas de alguém que, de outra forma, permaneceriam para sempre ocultos. Essa foi sua avaliação ao traduzir do inglês para o alemão as correspondências do cardeal Henry Newman (Stein, [1928] 2002, p. 527).

No caso do Instituto Marista, essa afirmação ganha ainda mais peso. Segundo alguns estudiosos do pensamento do padre Champagnat, as cartas revelam o essencial de sua espiritualidade. Embora representem apenas uma parte do que Marcelino escreveu durante sua vida, oferecem uma visão reveladora de sua personalidade, das prioridades de sua missão, das ênfases pastorais, do estilo de liderança, das características relacionais, bem como de suas lutas e desafios (Green, 2017, p. 221).

Na obra *Lettres de Marcellin Champagnat – Cartas de Marcelino Champagnat* –, organizada pelo Irmão Paul Sester, encontram-se 339 cartas divididas da seguinte forma: 109 textos autógrafos, escritos e expedidos por Marcelino ou rascunhos de cartas encontrados em seus cadernos, e 230 minutas ou cópias de cartas. Algumas destas não trazem a assinatura do padre Champagnat, mas são atribuídas a ele em razão do teor e da análise do conteúdo (União Marista do Brasil, 2019, p. 13).

Sermões, discursos e instruções

Sob o título de “Sermões, discursos e instruções”, encontram-se 35 textos de tamanhos e desenvolvimentos bastante variados. Todos são manuscritos autógrafos de Champagnat, identificados pela caligrafia característica do fundador. O único trabalho acadêmico

dedicado aos sermões do padre Champagnat – *O Bem-aventurado Marcelino Champagnat em suas instruções e em seus sermões inéditos* – foi apresentado pelo Irmão Alexandre Balko na Faculdade de Teologia de Lyon, em 1972.

Nesse estudo, o autor classifica os temas abordados por Champagnat sob quatro perspectivas:

1. Grandes verdades
2. Ano litúrgico
3. Sacramentos
4. Exortações morais

O peso atribuído às grandes verdades reflete o clima vivido durante o período da Restauração e, de certa forma, o rigorismo que marcou a formação de Marcelino e dos primeiros maristas. Seus formadores, Gardette e Cholleton, foram influenciados por uma teologia moral caracterizada pelo legalismo e por uma concepção pessimista e fria da natureza humana, com traços do cartesianismo e do jansenismo³. Nesse contexto, Santo Afonso Maria de Ligório era praticamente desconhecido na França. Os autores utilizados nos seminários, Bailly e Poitiers, optavam nitidamente pelo tuciorismo (rigorismo moral) e pelo probabilismo (adequação das normas morais às circunstâncias). Segundo Balko (1972, p. 25), essa formação resultava em uma atitude rigorista e injustamente severa em relação à sexualidade no casamento e aos pecados habituais, levando ao adiamento da absolvição e à rigidez na recomendação à comunhão.

O Irmão Sylvestre, em sua breve biografia do fundador, oferece informações relevantes sobre os autores que serviam de referência

³ Apresento uma pequena contextualização sobre o termo “jansenismo” no capítulo 2, dedicado aos manuscritos do fundador.

doutrinária para Champagnat – o que nos permite perceber que a influência rigorista não foi tão determinante em seu pensamento.

No tocante aos assuntos sobre os quais a Igreja não se manifestara oficialmente, seguia os ensinamentos de conceituados teólogos, grandes em sabedoria e santidade, tais como são Tomás de Aquino, santo Afonso Maria de Ligório e são Francisco de Sales, que ele citava frequentemente nas suas palestras. (Sylvestre, [1886] 2014, p. 298).

Portanto, diferentemente do padre Colin, que carregaria por muitos anos o peso do rigorismo recebido em sua formação no seminário de Lyon, Champagnat demonstrou desde muito cedo uma sensibilidade pastoral que se manifestou sobretudo no confessional: “[...] o padre Champagnat não era nem severo nem indulgente; mantinha posição justa, tanto que todos os penitentes se encantavam com seus conselhos e avisos” (Sylvestre, [1886] 2014, p. 78).

Registros

Na administração de uma congregação, é essencial manter registros institucionais. Com esse objetivo, o padre Champagnat criou documentos oficiais para formalizar a tomada de hábito, a emissão dos votos e o falecimento dos Irmãos. Esses registros compõem o quinto capítulo da coleção organizada pelo Irmão Paul Sester. Embora tenham grande valor histórico, fornecem pouco material para o estudo da espiritualidade.

Escritos particulares isolados

O sexto grupo de escritos do padre Champagnat recebeu o nome de “Escritos particulares isolados”. Trata-se de documentos,

oficiais ou não, que versam sobre assuntos diversos – em sua maioria, atos de compra ou venda de edifícios. Apesar de sua natureza administrativa, alguns desses documentos despertam real interesse para o estudo de nossa espiritualidade. Um exemplo significativo é a carta de demissão do padre Champagnat, exigida pelos padres maristas logo após a oficialização e o reconhecimento da Sociedade de Maria, em 1836. Esse episódio será abordado com mais profundidade no próximo capítulo, dedicado aos manuscritos do fundador.

Concluída esta breve apresentação dos manuscritos do padre Champagnat, é natural que surjam perguntas como estas: Por que estudar esses documentos? Como influenciam nossa espiritualidade hoje? Para responder a essas questões, recorro à análise do Irmão Paul Sester, que afirma:

A importância que queremos dar-lhes vem do fato de que o menor texto de uma pessoa revela algo sobre ela e, nesse campo, não temos nenhum excesso para conhecer nosso fundador (Sester, 2011, v. 1, p. 1).

Fontes que provêm dos Irmãos

As fontes referentes aos Irmãos podem ser classificadas em textos impressos e manuscritos. Embora tenhamos uma profícua bibliografia de livros impressos em nossa tradição marista, há também uma expressiva quantidade de manuscritos – muitos ainda inéditos – que aguardam estudo e possível publicação. Esse acervo supera, em volume, o que conhecemos das origens maristas por meio das obras já divulgadas. Antes de apresentar esses documentos, convém contextualizar brevemente a importância da contribuição dos Irmãos para a consolidação do magistério e da espiritualidade marista.

Nunca foi intenção do padre Champagnat escrever sistematicamente sua concepção sobre a obra dos Irmãos Maristas, nem sua compreensão de espiritualidade. Essa postura está diretamente relacionada ao estilo do nosso fundador, marcado pela ação concreta e pela simplicidade. Enquanto o padre Colin, ao chegar a Cerdon, tinha como principal preocupação redigir a Regra da Sociedade de Maria, o padre Champagnat optou por priorizar a vivência prática: decidiu morar com os Irmãos em La Valla, partilhando com eles o cotidiano e os desafios da missão. A esse respeito, escreve o Irmão Paul Sester:

Sua preocupação não é expor para a posteridade a maneira como concebeu sua obra, nem uma teoria própria sobre a vida religiosa, exceto pelos repetidos esforços para escrever uma Regra. Longe de conceber uma teoria e transmiti-la aos seus discípulos para formá-los dentro de seu ponto de vista, contentou-se em conviver com eles, instruindo-os conforme a vida exigia. Se quisessem guardar essas orientações na memória, que os alunos as escrevessem. (Sester, 2011, v. 1, p. 1).

Foi isso que aconteceu em nossa tradição espiritual marista. As primeiras sínteses de nossa espiritualidade nascem da interpretação e compilação dos primeiros Irmãos.

Um ponto de atenção merece destaque: ao estudar as origens, percebemos que a construção da literatura espiritual marista é mais complexa do que se imaginava inicialmente. Não se trata apenas da compilação e contribuição do Irmão Jean-Baptiste, mas sim de uma elaboração literária complexa e multifacetada, desenvolvida em etapas sucessivas. De modo geral, o papel fundamental do Irmão Francisco nesse processo foi negligenciado, embora sua atuação tenha sido decisiva para a consolidação dessa tradição.

Para ilustrar essa complexidade, a imagem de um *iceberg* se mostra bastante pertinente. Quando observamos um *iceberg*, geralmente não temos ideia da dimensão da parte submersa – justamente aquela que sustenta toda a estrutura visível. Essa metáfora ajuda a compreender as seis etapas da construção da literatura espiritual marista.

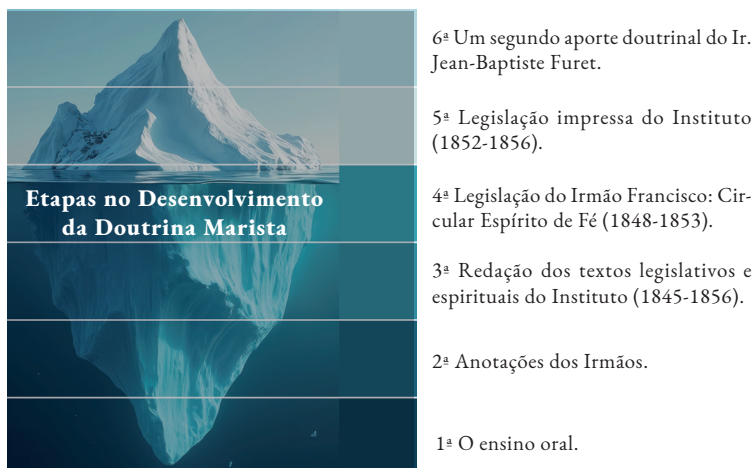


Figura 4 – *Iceberg* com as informações maristas.
Fonte: Acervo da Província Marista Brasil Centro-Sul.

Ensino oral

Durante muito tempo, a espiritualidade do Instituto-foi transmitida oralmente. Nesse sentido, os retiros que o padre Champagnat organizava em l’Hermitage desempenharam um papel importante no desenvolvimento da espiritualidade marista.

Compilação das anotações dos Irmãos

Os Irmãos costumavam tomar notas das palestras e dos retiros proferidos pelo fundador. Parte desse ensinamento foi preservada

por meio das anotações dos Irmãos entregues aos superiores após a morte de Champagnat, o que permitiu conservar, ainda que parcialmente, sua orientação espiritual. Nesse contexto, destaca-se a circular de agosto de 1841, na qual o Irmão Francisco solicita aos Irmãos que recolham e enviem à *casa-mãe* as anotações e instruções deixadas pelo fundador.

Organização das informações coletadas

Até alguns anos atrás, acreditava-se que apenas o Irmão Jean-Baptiste estivesse envolvido nesse processo. Hoje, no entanto, ao estudar os cadernos do Irmão Francisco, somos levados a crer que ele também participou ativamente dessa tradição, enquanto o Irmão Jean-Baptiste teria assumido a responsabilidade pela redação final dos livros impressos. Além disso, os superiores da época não se limitaram a preservar a doutrina tal como foi transmitida pelo fundador. Ao contrário, contribuíram com interpretações e complementações próprias, o que torna, por vezes, difícil distinguir o que de fato provém de Champagnat e o que foi acrescentado posteriormente.

Legislação do Irmão Francisco

O Irmão Francisco dá continuidade à tradição iniciada pelo fundador. Dentro da história do Instituto, a circular *Sobre o espírito de fé* ocupa um lugar excepcional – tanto pela extensão quanto pelo longo intervalo de tempo em que foi escrita, entre 1848 e 1853. Essa circular é dividida em quatro partes, cada uma abordando um aspecto específico do tema:

1. Sobre a necessidade do espírito de fé (15/12/1848)
2. O espírito de fé como fundamento das virtudes cristãs (16/07/1849)
3. Uma visão doutrinária do espírito de fé (21/12/1851)
4. Os meios de adquirir o espírito de fé (09/04/1853)

Textos oficiais impressos do Instituto

Esta etapa é marcada pela publicação dos primeiros textos oficiais do Instituto. Em 1852, por ocasião do II Capítulo Geral, foi publicada as *Regras comuns*; em 1853, o *Guia das escolas*; e, em 1854, as *Regras de governo*. O foco desses documentos está na conclusão da obra de Champagnat. Por isso, dá-se prioridade aos livros legislativos e ao guia pedagógico. Somente mais tarde foram publicados o *Manual da piedade* (1855) e a *Vida do fundador* (1856), que funcionam como síntese e confirmação da literatura espiritual do Instituto.

Retorno à tradição

Após o reconhecimento jurídico e pontifício do Instituto, tornou-se necessário retomar a tradição. O expressivo crescimento numérico dos Irmãos em um curto período trouxe consigo o risco de perda da tradição e dos valores das origens. É nesse contexto que se inserem os seguintes escritos do Irmão Jean-Baptiste: *Princípios da perfeição cristã* (1863), *Diretório da sólida piedade* (1863), *Conselhos, sentenças e instruções de Marcelino Champagnat* (1868), *Biografia de alguns irmãos* (1868), *O bom superior* (1869), *Meditações sobre a Paixão de Jesus Cristo* (1870) e *Meditações sobre a Encarnação* (1875) – esta última publicada postumamente.

O projeto de retorno às tradições, embora sólido e robusto do ponto de vista histórico e do manejo das fontes, não foi plenamente acolhido pela nova geração de Irmãos. O desafio que se apresentou para eles – e que permanece atual – é a necessidade de uma leitura contextualizada, que vá além dos limites do gênero ascético e hagiográfico. Somente por meio dessa abordagem é possível redescobrir as fortes intuições que marcaram as origens e que continuam a inspirar profundamente a espiritualidade marista.

Visão conjectural das origens maristas

Por fim, o que se passou na construção da literatura espiritual marista merece ser comparado ao processo de elaboração dos Evangelhos. Assim como não podemos nos limitar a um único evangelista para obter uma visão completa de Jesus, o mesmo se aplica à redescoberta do fundador. É necessária uma visão de conjunto, que leve em consideração não apenas os escritos dos Irmãos Jean-Baptiste e Francisco, mas também os testemunhos daqueles que representam a tradição oral do Instituto – entre eles, os Irmãos Sylvestre e Avit.

O que ainda temos por descobrir? Parte das instruções e anotações sobre os ensinamentos do fundador – que se pensava estarem perdidas – foi coletada a pedido do Irmão Francisco e serviu de base para a redação dos livros oficiais maristas. É possível que esse material corresponda justamente à coleção dos **cinco volumes dos escritos do Irmão Jean-Baptiste** e parte dos 13 **cadernos do Irmão Francisco**. Assim como ocorre com os evangelhos sinóticos, esses manuscritos têm semelhança em vários temas, incluindo a instrução sobre o “espírito do Instituto” – termo que hoje equivale ao que denominamos espiritualidade marista.

Construção da Literatura Espiritual Marista

Ir. Ivo Antônio Strobino - Julho de 2009

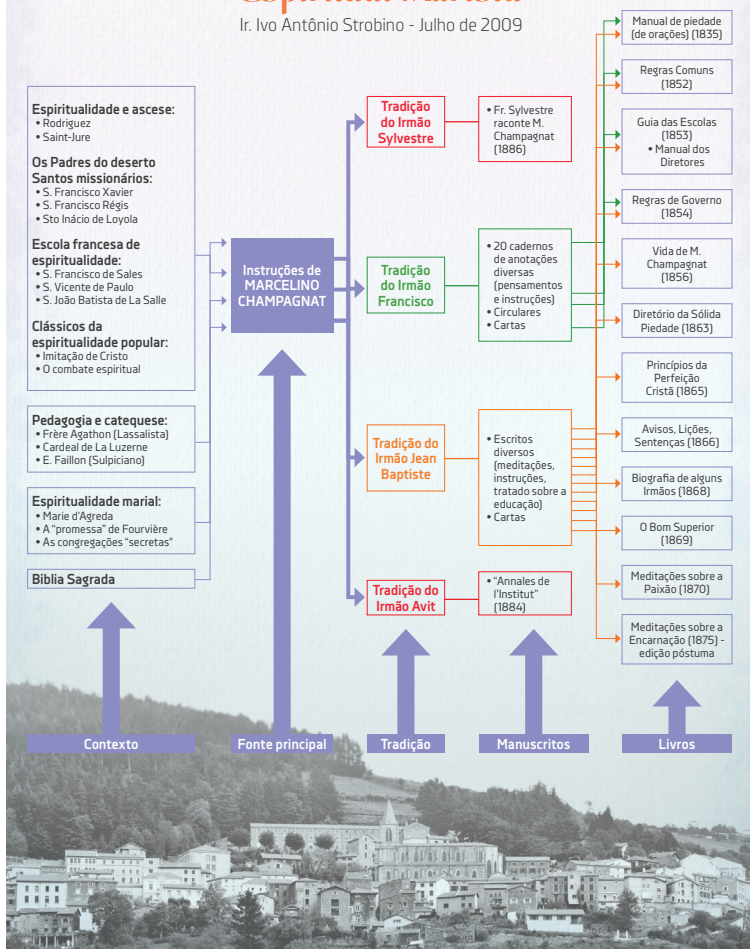


Figura 5 – Gráfico com as fontes da tradição espiritual marista.

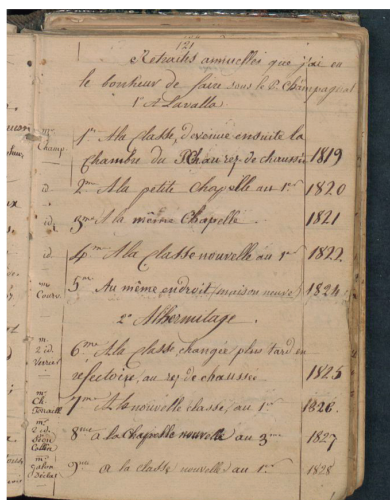
Fonte: Acervo pessoal do Irmão Ivo Antônio Strobino.

Alguns textos de nossa tradição

Um recurso muito importante para o estudo das origens da espiritualidade marista é a interseção entre os textos do fundador e os manuscritos dos Irmãos Francisco e Jean-Baptiste Furet. Nesse sentido, o Irmão Francisco oferece uma vantagem significativa: ele fixa a data de algumas de suas informações em uma espécie de diário, preservando, em grande parte, os esquemas originais dos Irmãos nas notas dos retiros e nas instruções sobre Champagnat. Graças a esse trabalho minucioso, foi possível reconhecer o papel central dos retiros na formulação e consolidação da espiritualidade marista.

A seguir, é possível visualizar uma tabela com a lista de todos os retiros realizados nas casas de La Valla e l'Hermitage, entre 1819 e 1840, além da linha do tempo que detalha os principais acontecimentos desse período.

Conforme descritos nos cadernos do Irmão Francisco (AFM 5101.302, p. 121):



1819	
Le bonheur de faire sous le Champagnat 1. La Valla	
1 ^{re} Ma platte, venue ensuite la Chapelle du Réau sup. de Chaville	1819
2 ^{me} Ma petite Chapelle au r.	1820
3 ^{me} La même Chapelle	1821
4 ^{me} Ma platte nouvelle au r.	1822
5 ^{me} Au même endroit, maison neuve	1824
2. l'Hermitage	
6 ^{me} Ma platte changée plus tard en refectoire, au sup. de Chaville	1825
7 ^{me} La nouvelle chaise, au r.	1826
8 ^{me} La Chapelle nouvelle au 3 ^e	1827
9 ^{me} La chaise nouvelle au r.	1838

Figura 6 – Manuscrito do Caderno 302 do Irmão Francisco, AFM 5101.302, p. 121.

Fonte: Acervo Instituto dos Irmãos Maristas.

Tabela 1 – Retiros realizados nas casas de La Valla e l'Hermitage

Ano	Local	Pregador
1819 até 1822	La Valla	Champagnat
1824	La Valla	Courveille
1825	L'Hermitage	Verrier
1826	L'Hermitage	Champagnat e Terraillon
1827	L'Hermitage	Séon – Collin
1828	L'Hermitage	Jalon – Déclat
1829	L'Hermitage	Jalon – Déclat
1830	L'Hermitage	Champagnat-Bourdin-Terraillon
1831	L'Hermitage	Champagnat-Bourdin-Terraillon
1832	L'Hermitage	Padre Augry – Jesuíta
1833	L'Hermitage	Padre J. – Jesuíta
1834	L'Hermitage	Padres jesuítas
1835	L'Hermitage	Pitorcal (?)
1836	L'Hermitage	Padre Maître-Pierre
1837	L'Hermitage	Padre Chanut
1838	L'Hermitage	Padre Colin
1839	L'Hermitage	Padre Epalle

Fonte: Cadernos do Irmão Francisco (AFM 5101.302, p. 121).

Linha do tempo dos retiros realizados nas casas de La Valla e l'Hermitage

De 1819 a 1822	Realizaram-se retiros em La Valla, tendo como pregador o padre Champagnat.
Em 1824	O retiro foi conduzido pelo padre Courveille, então superior da casa.
Em 1826	Em razão da crise que se instalou nesse ano, o retiro foi pregado por Champagnat e Terraillon.
De 1827 a 1831	Os retiros foram orientados pelos aspirantes a padres maristas.
De 1832 a 1835	O momento de crise se aprofundou, com um distanciamento dos padres maristas em relação aos Irmãos. Nesse período, os retiros foram pregados pelos padres jesuítas.
Em 1836	Há indícios de superação da crise que se instalou 10 anos antes. Como resultado, a Sociedade de Maria e a profissão de Champagnat como padre marista foram reconhecidas.
Em 1839	Aconteceu o último retiro com a presença do padre Champagnat, pregado pelo padre Epalle, futuro bispo e mártir da Oceania.

É preciso observar com maior atenção os retiros atendidos pelos Irmãos durante o período de fundação e consolidação do Instituto Marista. Graças ao trabalho dos Irmãos Francisco e Jean-Baptiste, é possível acompanhar os temas que, gradualmente, foram sendo incorporados ao magistério marista e, por consequência, assimilados pela nossa espiritualidade. Os textos a seguir representam uma pequena amostra de temas importantes que foram inseridos em nossa tradição espiritual marista e, posteriormente, integrados ao magistério e ao ensino oficial pelos superiores-gerais. Para esta breve análise, utilizaremos preferencialmente os manuscritos do Irmão Francisco.

A presença de Deus

Começemos abordando o tema da presença de Deus. Se nos baseássemos apenas nos manuscritos preservados do fundador, sem acesso aos cadernos do Irmão Francisco, poderíamos pensar que o tema da presença de Deus surgiu tardiamente na espiritualidade marista. No entanto, graças a um estudo comparativo de seus cadernos, é possível datar que, já em 1819 – apenas dois anos após a fundação do Instituto –, esse tema era tratado nos retiros conduzidos por Champagnat. No Caderno 302 encontram-se as primeiras anotações do Irmão Francisco. São registros feitos por um adolescente, pois Francisco tinha apenas 11 anos na época. Ao observar o esboço de sua caligrafia e compará-lo com as páginas seguintes, conclui-se que se trata de suas primeiras incursões em um projeto que o acompanharia por toda a vida: as anotações feitas com base em suas inúmeras leituras.

Observemos o texto:

Lembrarei da **presença de Deus**... ao rezar, ao dar aulas, ao caminhar, em meus recreios, ao fazer minhas refeições e... agindo

em tudo com uma santa modéstia para a glória de Deus, a honra de Maria e o bem da Religião (AFM 5101.302, p. 1, grifo nosso).

Trata-se de um tema importante e recorrente no cenário religioso dos séculos XVI ao XIX. Nosso interesse está na forma como esse tema foi assumido pelo padre Champagnat e pelos primeiros maristas.

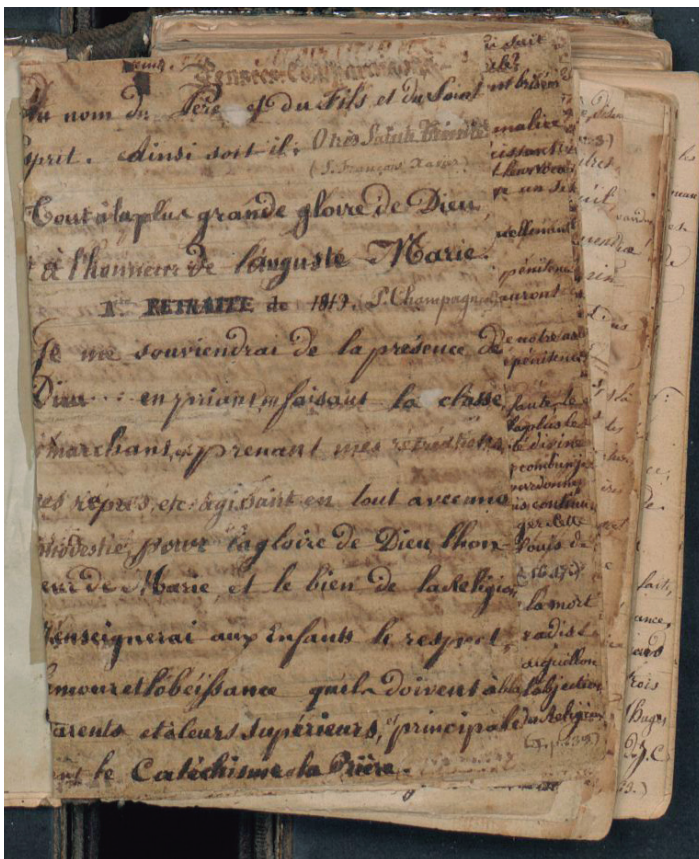


Figura 7 – Manuscrito do Caderno 302 do Irmão Francisco, AFM 5101.302, p. 1.
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

No retiro pregado pelo padre Séon, em 1828, Francisco anotou:

Oração, resolução, ofício, preocupação, **presença de Deus**, cuidado com o corpo, amargura, pensamentos, palavras em relação ao próximo. Igualdade de espírito, poucos movimentos. **Caminhar, permanecer na Igreja**. Exame, honestidade. União e recurso a Jesus, a Maria, aos anjos, aos santos; **fidelidade à regra** nos pequenos pontos assim como nos grandes. Energia de ação e vontade. Exatidão em fazer cada coisa de acordo com a regra, da maneira mais perfeita para a maior glória de Deus; humildade, simplicidade, modéstia, zelo, caridade universal. (AFM 5101.302, p.150, grifo nosso).

Em uma congregação que começa a se estruturar do ponto de vista de sua espiritualidade, percebemos que o tema da presença de Deus vai ganhando força em meio a outras preocupações, como o cumprimento da Regra e o sentimento de pertença à Igreja. No retiro de 1829, pregado pelos padres Jalon e Déclas (aspirantes maristas), o tema da presença de Deus volta a ocupar posição central. Por meio da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios (15,10), o Irmão Francisco insere o exercício da presença de Deus na vivência da graça e, de maneira surpreendente, relaciona-o com o texto de Atos dos Apóstolos (17,28): “O principal fruto que espero retirar deste retiro será *Gratia Dei mecum* (1Cor 15): 1º) Lembrar-me internamente três ou quatro vezes mais por dia da presença de Deus: *In ea movemur, vivimus et sumus* (Atos 17). Ou seja, a graça de Deus está comigo, pois nele nos movemos, vivemos e somos”. Essa citação é muito importante, pois confirma o relato do Irmão Sylvestre sobre a maneira como o padre Champagnat conduzia a meditação dos Irmãos.

Em primeiro lugar, é de ressaltar como estava bem arraigada no coração e no espírito de nosso piedoso fundador a sua

convicção da presença de Deus. Pode-se dizer que essa santa presença era a alma de sua alma, o alimento de sua piedade. (Sylvestre, 2014, p. 46).

Quando o ano escolar de 1824 estava próximo do fim, todos os Irmãos que haviam ajudado na construção começaram a planejar o retorno aos seus postos. Antes da partida, o padre Champagnat lhes pregou um retiro de oito dias, sugerindo resoluções para bem viver o ano seguinte. Entre elas, destacou como principal a prática habitual do exercício da presença de Deus, que, para ele, era um meio eficaz de alcançar a perfeição religiosa (Sylvestre, 2014, p. 159).

Durante a construção de l'Hermitage, enquanto os Irmãos ainda permaneciam em La Valla, o tema da presença de Deus foi se consolidando como a forma habitual com que Champagnat incutia nos corações dos Irmãos a vivência integrada de uma profunda vida espiritual. Mais do que uma simples prática de piedade, a presença de Deus, para Marcelino, era o meio eficaz de traduzir uma espiritualidade concreta e encarnada na vida cotidiana. Essa orientação espiritual esteve na base do desenvolvimento de Irmãos com uma profunda vida mística, como Louis, Dorothée, Jean-Pierre Martinol e Francisco.

Tudo a Jesus por Maria

Para alguns Irmãos especialistas no estudo da história marista, o lema “Tudo a Jesus por Maria” não teria origem direta em Champagnat, pois não aparece nas fontes primárias. Segundo essa perspectiva, o lema teria sido adotado tardiamente por seus discípulos. No entanto, essa posição desconsidera a importância de recorrer a fontes complementares na reconstrução da história de nossas origens.

Se considerarmos que a primeira carta de Champagnat disponível data de 1823, e que a secretaria do Instituto só começou a funcionar em 1836, compreendemos por que o Irmão Lanfrey cunhou esse período como “os anos obscuros das origens maristas”. Para atenuar essa lacuna significativa, podemos recorrer aos cadernos do Irmão Francisco, que registrou detalhadamente todos os retiros realizados durante a vida do padre Champagnat, bem como de algumas das divisas maristas que foram sendo estabelecidas ao longo da organização da Congregação.

A expressão “Tudo a Jesus por Maria” é um exemplo que segue o lema da Sociedade de Maria, como podemos ver na seguinte anotação do irmão Francisco: “Tudo para a maior glória de Deus e honra de Maria. **Tudo a Jesus por meio de Maria, tudo a Maria por meio de Jesus**” (AFM 5101.302, p. 127, grifo nosso). Essa citação vem de um retiro dado pelos padres Séon e Colin, iniciadores da Sociedade de Maria, em 1827. O lema aparece duas vezes no Caderno 302, sendo posteriormente registrado nos primeiros livros impressos do Instituto. Em 1831, o padre Pompallier pregou o retiro. E novamente, um dado curioso: a expressão aparece em um retiro conduzido por um aspirante da Sociedade de Maria. O texto em questão inicia com uma reflexão sobre o capítulo 15 do Evangelho de Lucas – a perícopa do filho pródigo. Com base nessa passagem, o pregador parece inculcar nos Irmãos a centralidade de Deus na vida cristã. Servindo-se de um texto de Santo Inácio, o Irmão Francisco escreve: “Colocarei em Deus toda a minha glória. Eu o louvarei e glorificarei em tudo e em todos os lugares, e me esforçarei para ser sempre agradável a Ele. Que todos os corações o amem, que todas as línguas o bendigam!” (AFM 5101.302, p. 234).

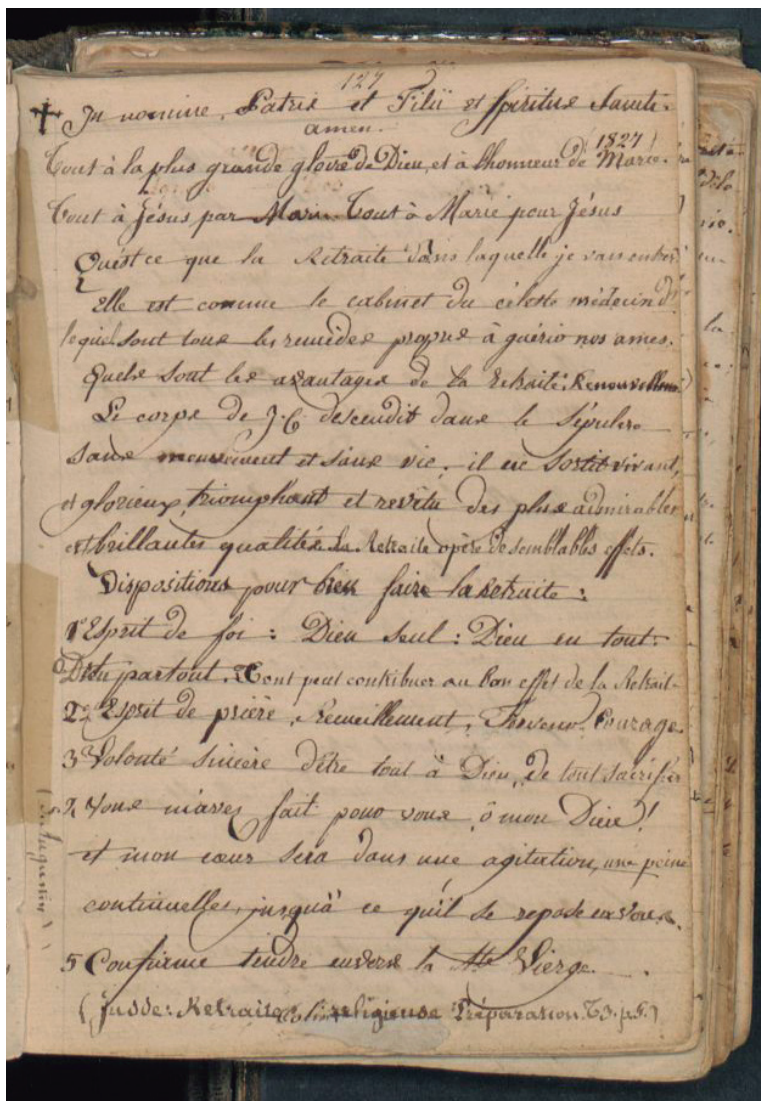


Figura 8 – Manuscrito do Caderno 302 do irmão Francisco, AFM 5101.302, p. 127.

Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

Na conclusão de sua reflexão, Francisco aponta o risco da separação de Jesus e Maria, dos santos e de seus verdadeiros pais espirituais. Ele interpreta a perda do filho pródigo relacionando-a diretamente à pessoa de Jesus e de Maria. Dessa forma, conclui: “Ó dor! Ser separado de Jesus, de Maria e dos santos, de meus queridos pais e irmãos, para ser confundido com os malfeitores! E isso por toda a eternidade! Que destino! [...] **Tudo a Jesus por Maria; tudo a Maria para Jesus**” (AFM 5101.302, p. 237, grifo nosso). É importante destacar a proximidade entre a expressão “Tudo a Jesus por Maria” e a divisa marista: “Tudo para a maior glória de Deus e honra de Maria”. Esse parece ser o contexto mais adequado para compreender o verdadeiro sentido da expressão. Com o passar do tempo, ela foi se deslocando de seu lugar original, assumindo um caráter mais devocional e se afastando do teocentrismo presente nas origens. Ainda assim, carrega consigo o peso da teologia e da espiritualidade beruliana, na qual Jesus nunca está separado de Maria. Trata-se, portanto, de uma tentativa de síntese do carisma marista realizada por seus discípulos – mesmo que essa expressão também seja encontrada em outros autores e obras da época, o que reforça nossa hipótese.

Nisi Dominus

A expressão *Nisi Dominus* (A menos que o Senhor), tomada do Salmo 126, remete a um dos elementos constitutivos da espiritualidade pessoal de Marcelino Champagnat e, posteriormente, dos primeiros Irmãos Maristas:

Se o Senhor não construir a nossa casa, em vão trabalharão seus construtores; Se o Senhor não vigiar nossa cidade, em vão vigiarão as sentinelas! É inútil levantar de madrugada, ou

à noite retardar vosso repouso, para ganhar o pão sofrido do trabalho, que a seus amados Deus concede enquanto dormem (SI 126, 1-2).

As origens da expressão no pensamento do padre Champagnat remetem a duas construções complementares: uma de ordem espiritual e mística – a Sociedade de Maria – e outra como materialização desse sonho – a construção do l’Hermitage de Nossa Senhora, centro espiritual da nascente Sociedade dedicada à Virgem. Em 1824, com a chegada do administrador apostólico de Lyon, dom Gaston de Pins, Marcelino obteve um apoio decisivo para sua obra: foi autorizado a fornecer um hábito religioso para seu Instituto e recebeu permissão para adquirir o terreno de l’Hermitage. Além disso, em um gesto de confiança e benevolência, o bispo autorizou a vinda do padre Courveille para auxiliar Marcelino no governo dos Irmãos (Lanfrey, 2015, p. 99-100).

Os meses que se seguiram foram de intensos trabalhos para Marcelino e os Irmãos que auxiliavam os pedreiros contratados na construção do edifício de l’Hermitage. Assim como ocorrera na reforma da casa de La Valla, surgiram diversas narrativas – sobretudo da tradição oral – que colocam Marcelino como o principal responsável por toda a obra, destacando-se por uma força incomum nos trabalhos mais exigentes.

Embora o padre Champagnat contasse com o apoio de dom Gaston de Pins, parte do clero censurou a construção de l’Hermitage:

Quando o projeto da transferência da comunidade e da construção de uma vasta moradia veio a público, deu-se nova explosão de censura, críticas, invectivas e ofensas que superou talvez o que ocorrera na fase mais tempestuosa do Instituto. A aprovação que o arcebispo outorgara a essa obra, o apreço e a

cordialidade com que distinguia seu fundador, nada conseguiu sustar a efervescência dos espíritos e a perversidade das línguas. O projeto foi tachado de loucura e os próprios amigos do Pe. Champagnat o reprovaram, nada poupando para pressioná-lo a desistir. (Furet, [1856] 1999, p. 117).

Há uma referência bastante misteriosa envolvendo o padre Nicolas-Augustin de la Croix d'Azpolette, que advertiu Champagnat de que sua obra era inútil. O futuro arcebispo de Auch encarregou um amigo de entregar ao padre Marcelino a seguinte mensagem: “Diga ao padre Champagnat que ele está construindo à toa” (Coste; Lessard, v. 1, doc. 160, p. 386). Esses dissabores contrariaram e entristeceram profundamente Marcelino. Ainda assim, o edifício foi concluído no verão de 1825. No entanto, o esforço rigoroso dedicado à construção de l’Hermitage, somado às viagens exaustivas às escolas dos Irmãos por volta da festa de Todos os Santos (1º de novembro), levou o fundador a um verdadeiro colapso físico e mental⁴.

A partir de 26 de dezembro, com o agravamento da saúde de Champagnat, espalhou-se a notícia sobre a possibilidade de sua morte. Pouco depois, em 6 de janeiro de 1826, foi lido seu testamento. O padre Terraillon, aspirante marista designado pela Arquidiocese para auxiliar o padre Champagnat na comunidade de l’Hermitage, recusou-se a ser seu signatário. No entanto, graças à intervenção do Irmão Estanislau, o padre Verrier, amigo de Champagnat, aceitou assumir a responsabilidade pelo documento. Nesse mesmo período, muitos credores passaram a cobrar seus empréstimos junto à comunidade de l’Hermitage. Para acalmar a situação, o pároco de Saint-Chamond, padre Dervieux, efetuou o pagamento de 6 mil

⁴ Sobre a crise de 1826 e sua importância para a espiritualidade marista, ver capítulo 3, a seguir.

francos referentes aos títulos mais urgentes. Além disso, foi ele quem convidou Champagnat a se restabelecer em sua casa paroquial, onde poderia receber cuidados mais adequados. Enquanto isso, a comunidade de l'Hermitage ficou sob a responsabilidade dos padres Courveille e Terraillon.

A crise instaurada entre os Irmãos e esses dois padres foi, inclusive, uma surpresa para Marcelino Champagnat. Uma possível hipótese para essa tensão pode ser encontrada no início da formação da primeira comunidade de La Valla. Desde o princípio, Champagnat favoreceu a autonomia da comunidade e a incentivou entre os Irmãos, promovendo, por exemplo, a eleição para escolha de seu primeiro diretor, o Irmão Jean-Marie. Outras funções, como a de mestre de noviços, também foram distribuídas entre os Irmãos. Com a chegada dos padres, porém, criou-se certo desequilíbrio nesse cenário. A tutela exercida pelos padres Courveille e Terraillon não foi bem acolhida pelos Irmãos – especialmente pelos mais antigos, que carregavam a tradição das origens, com destaque para o Irmão Estanislau.

O resultado de tudo isso foi o fracasso da primeira tentativa de estabelecimento da Sociedade de Maria na diocese de Lyon. Em 1826, o padre Courveille foi afastado da comunidade de l'Hermitage após se envolver com um noviço, enquanto o padre Terraillon, na primeira oportunidade, deixou a comunidade e não retornou. A queda do padre Courveille representou o golpe mais duro de toda a crise daquele ano. Para Marcelino, ele era o grande idealizador da Sociedade de Maria. Havia entre os dois uma profunda proximidade espiritual, já que ambos eram oriundos da diocese do Puy – importante santuário mariano onde Courveille recebeu a inspiração para fundar a Sociedade de Maria. Diante disso, a queda de Courveille colocou o padre Champagnat em uma situação inesperada. Comenta Lanfrey:

Esse fracasso de 1824 a 1826, na verdade, é o da sociedade sonhada em 1816 por Courveille, mas também por Champagnat. Courveille não compreende logo que não é o fundador da sociedade agora constituída (irmãos); Champagnat ainda não percebe que o fundador é ele. Em todo caso, os dois não duvidaram que, ajuntando padre e irmãos na mesma casa, trabalhariam para a Sociedade de Maria. Os irmãos lembram a eles, entretanto, que também têm suas próprias ideias: uma hierarquia de funções, mas um companheirismo fundamental, como foi praticado desde a origem (Lanfrey, 2017, p. 346).

Os rascunhos das cartas de Champagnat de 1827 (Caderno 132.02) confirmam parcialmente os ataques de seus inimigos. Se, se por um lado, houve êxito com o término da construção do prédio físico, o mesmo não se pode dizer do edifício espiritual – o protótipo da primeira Sociedade de Maria, iniciado por Courveille e Champagnat na diocese de Lyon. Essa construção não resistiu. Ao refletir sobre os reais motivos desse fracasso, Champagnat se resigna em Deus e recrimina o abandono dos primeiros construtores: os padres Courveille e Terraillon. Contudo, ao voltar o olhar com atenção para os Irmãos, percebemos que Champagnat também perdeu colaboradores da primeira hora, como Jean-Marie Granjon e Etienne Roumésy. Segundo ele, estes também não fizeram o trabalho de Deus.

Em 1827, em um rascunho de carta endereçado ao padre Philibert Gardette, Champagnat revive a dor causada pela saída de Courveille e Terraillon. Ao mesmo tempo, recorda-lhe a importância da missão e da formação dos Irmãos, compartilhando sua preocupação de que eles não sejam abandonados à própria sorte ao serem enviados às comunas. Ele encerra a carta com um apelo de confiança, evocando o Salmo 126:

Termino pedindo-lhe de não me esquecer em suas orações, porque mais do que nunca verifico a verdade daquele dito do profeta: *Nisi Dominus aedificaverit domum in vanum laboraverunt qui [...]* (Champagnat, [1827] 2019, doc. 3, p. 92, grifo nosso).

Em maio de 1827, o padre Champagnat solicitou ao vigário-geral de Lyon, padre Barou, o envio de mais um sacerdote para l’Hermitage, sugerindo o nome do padre Étienne Séon. Apesar de sua confiança em Deus – especialmente no que diz respeito à obra dos Irmãos –, Champagnat não demonstrava a mesma certeza quanto ao seu próprio papel como fundador: “[...] Deus quer essa obra, mas aí de mim!, talvez Ele queira outros homens para estabelecê-la” (Champagnat, [1827] 2019, doc. 7, p. 98). Na espera por um colaborador que verdadeiramente amasse a obra dos Irmãos – em contraste com a atitude dos padres Courveille e Terraillon –, Champagnat escreve, mais uma vez, a expressão que traduz sua entrega confiante: “*Nisi Dominus*” (Champagnat, [1827] 2019, doc. 7, p. 100, grifo nosso).

Todos esses acontecimentos se desenrolam em meio à reorganização da fundação dos Irmãos em l’Hermitage. Em 1826, Champagnat reformulou a associação dos Irmãos e introduziu os votos perpétuos, criando uma espécie de elite de discípulos. Nessa nova configuração, a participação dos sacerdotes passou a se limitar à celebração dos sacramentos e a uma direção espiritual compartilhada com o superior dos Irmãos. Progressivamente, Champagnat foi assumindo o papel de fundador dos Irmãos, sem, contudo, deixar de trabalhar pela realização da obra dos padres maristas – desejo que permanecia vivo no mais profundo do seu ser (Furet, [1856] 1999, p. 189).

Do ponto de vista espiritual, o *Nisi Dominus* representa uma das grandes originalidades da mística pessoal de Marcelino. A

imagem da construção, nesse contexto, não é apenas simbólica – é também concreta. Ao pronunciar *Nisi Dominus*, Champagnat faz referência direta à construção de l’Hermitage e à ruína da primeira tentativa de estabelecimento da Sociedade de Maria. Coincidentemente, é a partir desse momento que começa a tomar corpo, dentro do Instituto, a ideia da humildade marista.

No estudo histórico sobre as origens da espiritualidade de Champagnat e dos primeiros Irmãos maristas, Lanfrey afirma que é possível constatar essa dimensão já em 1827, nas anotações do Irmão Francisco sobre as conferências dedicadas à humildade.

1. **A humildade é a raiz, o fundamento**, a cuidadora, a guardiã inata de todas as virtudes [...] (Rodriguez, 2ª parte, 2º tratado).
2. A humildade gera e mantém as virtudes. [...]
3. Por boas que sejam as obras que conseguimos realizar, elas nada valem se não forem acompanhadas pela humildade.
4. O orgulho é o ponto de partida para qualquer pecado (Ecl 10).
5. Meu Deus, eu só conseguirei ser humilde, se o Senhor me conceder a humildade. Eu a imploro ao Senhor.
6. Aprendam comigo a serem doces e humildes de coração. Sim, divino Jesus! É a isso que quero sinceramente me dedicar pelo resto da minha vida. O Senhor me chamou a um Instituto cujo caráter próprio é a **humildade e que leva o nome de Maria, sua querida Mãe, tão pura, tão humilde**. Ó humildade! Virtude de Jesus e de Maria! Seja sempre meu maior prazer! (AFM 5101.302, p. 147, grifo nosso).

Graças ao trabalho do Irmão Francisco, que registrou as conferências e os retiros do padre Champagnat, é possível estabelecer uma data aproximada para o início da construção da doutrina sobre a humildade marista, por meio da experiência do *Nisi Dominus* vivida pelo fundador. Essa construção doutrinal e espiritual será posteriormente referendada em outras anotações do próprio Irmão Francisco (Caderno 307, p. 131-180), bem como nos manuscritos do Irmão Jean-Baptiste (Écrits 3, p. 103-147; Écrits 4, p. 332-398).

É possível, portanto, que o elemento distintivo da espiritualidade marista – seu espírito e caráter definidor – seja a síntese da grande experiência vivida na crise de 1826 pelo padre Champagnat e pelos Irmãos que habitavam a casa de l’Hermitage. A humildade nasce da vivência da perda de toda certeza humana, da quase total ruína da obra marista, e do aniquilamento sentido na própria carne por Marcelino ao perder aquele que acreditava ser o líder do projeto marista. Um rascunho de correspondência, possivelmente enviado ao padre Cholleton por ocasião de uma proposta de fusão entre a obra de Champagnat e o Instituto de Irmãos do padre Querbes, em 1833, revela a profundidade dessa experiência e a confusão que se abateu sobre o espírito de Marcelino durante essa provação:

Nefasta opção foi a que levei a cabo, aconselhado pelo padre superior, indo a Epercieux buscar o padre Courveille. Ó dia realmente nefasto, capaz de deitar abaixo uma instituição, caso não estivesse solidamente amparada pelo braço forte **da divina Maria!** Durante uma doença grave e prolongada, estando eu afogado em dívidas, quero constituir o padre Terraillon meu herdeiro universal. O padre Terraillon recusa minha herança, dizendo que eu nada tenho, ao mesmo tempo que não para de bisbilhotar com o padre Courveille, junto aos irmãos: “Não demora que os credores virão expulsar vocês daqui. Quanto

a nós, é só aceitar uma paróquia e largar de vocês”. **Por fim, Deus em sua infinita misericórdia** – ai! que digo? –, talvez em sua justiça, me devolve por fim a saúde. Tranquilizo meus filhos; **digolhes que nada temam, que eu compartilharei de todos os seus dissabores, partilhando até o último pedaço de pão [...]** Com o afastamento do padre Courveille e a saída do padre Terraillon, fiquei sozinho; porém, **Maria não nos abandona**. Aos poucos vamos pagando as dívidas, outros coirmãos vêm tomar o lugar dos primeiros. Estou sozinho para pagar a custas da manutenção deles. **Maria nos ajuda e isso nos basta**. (Champagnat, [1833] 2019, doc. 30, p. 150-152, grifo nosso).

O texto do ritual para o pedido do hábito religioso, encontrado no Caderno 132.01, reforça essa síntese entre o nada do humano e o tudo de Deus, em que Jesus e Maria são apresentados como os verdadeiros tesouros da Congregação: **“Desejamos que Jesus e Maria sejam o nosso único tudo e que todo o resto não seja mais nada”** (Sester, 2001, p. 237, grifo nosso). Essas mesmas expressões serão retomadas por Champagnat na circular de 10 de agosto de 1833: **“Desejo que Jesus e Maria sejam sempre o único tesouro de vocês**. Se estiverem progredindo na perfeição tanto quanto eu desejo, progredirão muito” (Champagnat, [1833] 2019, doc. 29, p. 147, grifo nosso).

Nos cadernos e nas cartas pessoais do Irmão Francisco, a expressão *Nisi Dominus* aparece como um ensinamento já consolidado, sendo recordada pela primeira vez durante o retiro de 1829 – dois anos após sua primeira menção nas correspondências do fundador. Trata-se de um texto contido no Caderno 302, encontrado junto a um poema do padre Cholleton, copiado por Francisco. Ao analisar as imagens desse caderno, é possível perceber uma leve mudança

na cor da tinta e na caligrafia, o que sugere um possível acréscimo tardio da expressão *Nisi Dominus*.

Todas as minhas ações serão feitas em Jesus. Acordado, meus olhos não verão senão a Jesus; em sonhos, não terei outro assunto senão Jesus. Meu livro e doutor, eu os encontro em Jesus. Quando eu escrever, minha mão será guiada por Jesus, que escreverá o belo nome Jesus. Quer eu esteja caminhando ou não, estarei com Jesus. Quando eu quiser rezar, será para Jesus. Todos os meus momentos de descanso não se farão senão em Jesus. Na fome e na sede, eu viverei em Jesus. Nos meus achaques, Jesus será meu médico e o remédio será o amor de meu Jesus. Quando eu morrer, morrerei em Jesus. Minha última palavra será o santo nome de Jesus. Para fechar meus olhos, não quero outro que Jesus. Não quero outra sepultura que não seja o coração de Jesus. O epitáfio na minha sepultura será: Repousa em Jesus. **Tudo o que não vem do espírito de Deus não é firme e cedo desaparece. *Nisi Dominus aedificaverit*.** (AFM 5101.302, p. 220, grifo nosso).

A proximidade com os acontecimentos que marcaram o evento do *Nisi Dominus* na vida de Marcelino Champagnat parece refletir profundamente na espiritualidade dos primeiros Irmãos – especialmente na de Francisco –, se considerarmos que a citação foi registrada no mesmo ano do retiro. Na hipótese de se tratar de um acréscimo posterior, a presença da expressão reafirma a centralidade de Jesus e o primado de Deus na vida marista, pois tudo o que não provém verdadeiramente do Espírito de Deus perece rapidamente. Confirma-se, assim, o primado de Deus na espiritualidade tanto do fundador quanto de Francisco, evidenciado pelo acréscimo da expressão *Nisi Dominus*.

Há uma série de outros textos de Francisco que fazem alusão ao *Nisi Dominus*. No entanto, encerramos com a reflexão encontrada

no Caderno 308, intitulado pelo Irmão Lanfrey como “caderno de instruções”, que remonta aos ensinamentos do padre Champagnat. Nesse caderno, Francisco posiciona de maneira central a dimensão do *Nisi Dominus*, apresentando-a como expressão **da obra de Deus, da obra de Maria**, e da razão de ser do Instituto dos Irmãozinhos de Maria.

Nosso querido e venerado fundador também sempre nos pregou, por meio de palavras e exemplos, a necessidade e a importância da oração. Antes de empreender esta obra de providência e zelo que somos chamados a continuar, afirmar e propagar, ele costumava dizer a Deus: “Meu Deus, se não for da sua vontade que eu empreenda esta obra, tire de mim o pensamento e o meio para fazê-lo”. E desde a sua fundação: “Meu Deus, sustente esta pequena obra e faça-a prosperar, se ela estiver nos desígnios da sua divina Providência; mas se for apenas uma obra puramente humana, destrua-a, faça-a dissolver, que ela caia, mesmo para minha confusão”. **Quantas vezes ele não nos disse e repetiu essas palavras do Salmo 126: “Nisi Dominus ædificaverit domum etc.”** Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem. Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia aquele que a guarda! Ele voltava frequentemente a isso para nos engajar a nunca contar conosco mesmos, nem em nossos esforços, mas a nos apoiar unicamente na ajuda e proteção daquele que opera tudo em todos. (AFM 1501.308, p. 1043, grifo nosso).

O espírito do Instituto: a origem das “violetas maristas”

Para descrever o que hoje denominamos espiritualidade marista, Champagnat e os primeiros Irmãos Maristas utilizaram a expressão **“o espírito do Instituto”** (Lanfrey, 2021, p. 5). Trata-se da primeira síntese sobre o caráter definidor da espiritualidade marista, e podemos encontrá-la nos manuscritos dos Irmãos Francisco e Jean-Baptiste.

A circular *Sobre o espírito de fé* (1848-1853) tem o mérito de tornar público e oficializar, por meio da escrita, o ensino da tradição oral sobre o “espírito do Instituto”.

Com efeito, **o espírito dos irmãos de Maria, seu caráter distintivo, deve ser um espírito de humildade e de simplicidade** que os leva, a exemplo da Santíssima Virgem, sua Mãe e Modelo, a ter uma predileção especial pela vida oculta, pelos empregos humildes, pelos lugares e classes mais pobres, que os façam praticar o bem sempre e em toda parte, sem barulho nem brilho, que os afeiçoem a um ensino modesto e restrito, mas sólido e religioso. Ora, ainda para isto, quanto precisamos do espírito de fé! (*Circulaires*, [1848] 1914, v. 2, p. 21, grifo nosso).

Essa afirmação sobre o espírito do Instituto é uma passagem crucial, pois retoma um ensinamento cristalizado na tradição dos “antigos Irmãos” e, ao mesmo tempo, está profundamente alinhada com as anotações do próprio Irmão Francisco e do Irmão Jean-Baptiste Furet. Para utilizar uma imagem do historiador Michel de Certeau, ao realizar uma arqueologia de nossas origens, descobrimos os fundamentos daquilo que, ainda hoje, é amplamente conhecido como as **três violetas maristas**: humildade, simplicidade e modéstia.

O ponto central da instrução é a **humildade**; dela derivam a simplicidade e a modéstia. Maria é o referencial e o modelo de como os Irmãozinhos devem vivenciar essa virtude. De certa forma, ela está na base da instrução que apresenta Maria como modelo de humildade, como escreve Francisco:

Maria tinha baixos sentimentos de si mesma; ela só via o nada que ela era e mantinha-se diante de Deus em humildade e aniquilação profunda. Maria pratica uma intensa humildade em suas palavras e ações; ela se reveste a tal ponto com o véu da humildade que sempre foi desconhecida do mundo, desprezada por ele e vista

por todos como uma mulher ignorante, como uma pessoa de poucos méritos, inútil para o mundo. (AFM 5101.308, p. 544).

Maria, embora participe do mistério da encarnação de seu filho Jesus, deixa claro, no *Magnificat*, sua condição de criatura. Na tradução da Bíblia de Jerusalém, lemos: [...] “Porque olhou para a humilhação de sua serva” (Lc 1,48). Segundo Lanfrey, por ser consciente do seu nada diante de Deus, Maria escolhe uma vida desconhecida e oculta – temas caros à escola beruliana de espiritualidade (Lanfrey, 2021b, p. 13).

Acreditamos que há uma ligação profunda entre a experiência vivida com o *Nisi Dominus* e a formulação posterior do **espírito do Instituto**. Essa experiência do nada não é teórica nem meramente intelectual: trata-se de uma vivência concreta, experimentada por Marcelino e por aqueles que sonharam com a Sociedade de Maria em 1816. A crise de 1826 funciona como um evento purificador, que corrige certo voluntarismo presente nos primeiros anos do sacerdócio de Champagnat. Por outro lado, foi crescendo nele a certeza de que a obra dos Irmãos – e mesmo a dos padres – era, de fato, a **obra de Maria**. Nessa perspectiva, podemos ler a carta de 1833 ao padre Cholleton: “Ó dia realmente nefasto, capaz de deitar abaixo a obra, caso a divina Maria não a sustentasse com a força do seu braço” (Champagnat, [1833] 2019, doc. 30, p. 151). Nessa obra, os homens são importantes, porém, não imprescindíveis (Furet, [1856] 1999, p. 214).

A primeira parte da circular *Sobre o espírito de fé* termina contemplando o caminho do coração de Cristo, marcado pela doçura e pela simplicidade de quem se faz criancinha. Essa mística do abandono está, de certa forma, ligada a uma atitude de infância espiritual – muito presente no conjunto das cartas pessoais do Irmão

Francisco, especialmente na direção espiritual dos jovens Irmãos. É nesse contexto que, pela primeira vez, aparece de modo oficial a expressão “humildade, simplicidade e modéstia”, que mais tarde será consagrada como a síntese de toda a espiritualidade marista (*Circulaires*, [1848] 1914, v. 2, p. 22).

Conclusão: a inspiração das origens

Ao concluir nossa reflexão sobre as origens da espiritualidade marista, percebemos que, desde muito cedo, os escritos do fundador e dos primeiros Irmãos apontam para a centralidade de Deus e de Jesus. O elemento distintivo do carisma e da espiritualidade do padre Champagnat e dos primeiros Irmãos foi **a inclusão de Maria na compreensão da missão de tornar Jesus Cristo conhecido e amado**. Essa perspectiva reafirma a intuição inspiradora de trabalhar e realizar a obra de Maria – uma convicção que os fundadores da Sociedade de Maria já expressavam em Fourvière e que se manteve viva durante o processo de consolidação da congregação, até seu reconhecimento parcial em 1836⁵.

Para os nossos dias, essa mesma espiritualidade das origens nos desafia a realizar nossa própria síntese, em diálogo com os problemas e as realidades do tempo presente. Ao nos inspirarmos nessa forte intuição dos primeiros maristas, **somos chamados a redescobrir a centralidade de Deus, a vivência da mística do *Nisi Dominus*, e a reposicionar nossa devoção mariana por meio de sua missão essencial: gerar Jesus Cristo ao mundo. Uma missão profundamente cristológica e, por isso mesmo, mariana.**

⁵ Esse ano marca o reconhecimento dos padres maristas. No caso específico dos Irmãos, a aprovação romana seria prolongada até o ano de 1863.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALKO, Alexandre. *Le bienheureux Marcellin Champagnat dans ses instructions et sermons inédits*. Lyon: Faculté de Lyon, 1972.

BALKO, Alejandro. *Marcelino Champagnat: volviendo a las fuentes*. Zaragoza: Edelvives, 1983.

BENTO XVI. *Carta encíclica Deus Caritas Est do sumo pontífice Bento XVI: aos bispos, presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor cristão*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2006.

CHAMPAGNAT, Marcelino. *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat: 1789-1840*. Fundador do Instituto dos Irmãos Maristas. Brasília, DF: União Marista do Brasil, 2019. Disponível em: https://umbrasil.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Cartas-de-Marcelino-Champagnat_WEB_FINAL.pdf. Acesso em: 8 ago. 2025.

FRANÇOIS, Frère. *Mélanges Divers (AFM 5101.301)*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, [18--].

FRANÇOIS, Frère. *Carnets de retraite (AFM 5101.302)*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, [18--].

FRANÇOIS, Frère. *Carnets d'instructions (AFM 5101.308)*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, [18--].

FURET, Jean-Baptiste. *Écrits 3 (AFM 5201.23)*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, [18--].

FURET, Jean-Baptiste. *Écrits 4 (AFM 5201.24)*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, [18--].

FURET, Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola, 1999.

GREEN, Michael. *História do Instituto*. v. 3: A luz incerta da aurora (1985-2016). Roma: Casa Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, 2017.

GREEN, Michael. *Experiência de travessia: marcos da espiritualidade de Marcelino e dos primeiros Irmãos Maristas*. Curitiba: PUCPRESS, 2021.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Água da rocha: espiritualidade marista fluindo da tradição de Marcelino Champagnat*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2008.

INSTITUT DES PETITS FRÈRES DE MARIE. *Circulaires des Supérieurs Généraux (1848-1860)*. Lyon; Paris: Librairie Catholique Emmanuel Vitte, 1914. v. 2.

LANFREY, André. *Essai sur les origines de la spiritualité mariste*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2001.

LANFREY, André. *Jalons pour une synthèse historique sur la spiritualité mariste*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2005.

LANFREY, André. *Marcelino Champagnat e os primeiros irmãos maristas, 1789-1840: tradição educativa, espiritualidade missionária e congregação*. Curitiba: FTD, 2017.

LOURENÇO, Irmão. *Anotações do irmão Lourenço (Jean-Claude Audras, 1793-1851)*. Curitiba: Memorial Marista, 2021.

SESTER, Paul. *Origines des Frères Maristes*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2011. 3 v.

STEIN, Edith. *Obras completas, v. I: escritos autobiográficos y cartas*. Tradução de Julen Urkiza et al. Burgos: Monte Carmelo, 2002.

SYLVESTRE, Irmão. *Relatos sobre São Marcelino Champagnat*. Tradução de Ir. Aristide Zanella. Brasília, DF: União Marista do Brasil,

2014. Disponível em: https://champagnat.org/e_maristas/livros_recebidos/RELATOS_SOBRE_MARCELINO_CHAMPAGNAT.pdf. Acesso em: 8 ago. 2025.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat*. Brasil, 2019.